

letrônica

GUMBRECHT, Hans U. Will my presente have a future? In.: MENDES, Victor K.; ROCHA, João Cezar de Castro (Eds.). *Producing Presences: branching out from Gumbrecht's work*. Dartmouth, Massachusetts: University of Massachusetts Dartmouth, 2007. (Adamastor book series, 2). p.339-351.

Daniela Silva da Silva*

Will my present have a future? Pergunta Hans Ulrich Gumbrecht, professor da Universidade de Stanford, em um ensaio intitulado por essa indagação, publicado ao final do livro editado por Victor K. Mendes e João Cezar de Castro Rocha. Para mim, fazer uma resenha de um de seus textos é igualmente uma honra e um desafio. Honra porque tive a oportunidade de passar quatro meses em Stanford estudando e recebendo orientações de Gumbrecht para a minha tese de Doutorado. Desafio porque se trata de comentar as idéias de um dos maiores teóricos e pensadores da contemporaneidade. A oportunidade de poder homenageá-lo e a importância de convidar os leitores a conhecer suas reflexões tornam a jornada mais instigante.

Enquanto eu lia o texto, meu marido preparava o jantar, cujo término culminaria com o da minha leitura. Sincronizados, acabamos juntos. Comíamos e ao mesmo tempo em que eu digeriria um maravilhoso sanduíche ao forno, regado com azeite de oliva e salada sabor pepino, tinha o texto muito vivo na minha lembrança. Ele quebrou o silêncio durante a refeição quando disse: “falta apenas maionese”. “A maionese daria o toque especial que a manteiga não soubre dar”, disse ele. Sua fala estava conectada diretamente com a de Gumbrecht, especialmente com a questão levanta pelo teórico sobre o pensamento de André Leroi Gourhan. Gumbrecht aponta que o antropólogo francês teria deixado de comentar em suas pesquisas uma importante consequência do desenvolvimento do lobo frontal nos seres humanos, desenvolvimento esse que nos faz diferente das outras espécies e atenua nossa natureza animal. O lobo frontal insere a diferença entre padrões familiares inferenciais e o choque com o novo. É isso, de acordo com Gourhan, que permite a evolução biológica dos seres humanos em direção à cultura e à tecnologia. Gumbrecht acredita ser tal fator o responsável por alavancar a fusão

* Doutoranda em Letras no PPGL-PUCRS, Área de concentração: Teoria da Literatura, e bolsista integral do CNPq. Linha de pesquisa de interesse: Literatura: Memória e História.

entre consciência e software. Nessa fusão, nossos corpos participam apenas como base possibilitadora do que o professor de Stanford chama de *technology-guided life of the mind*. Na era da tecnologia guiada somos mais capazes de celebrar e digerir coisas, assim como eu ao comer esse sanduíche ou da mesma forma que alguém digere um tira gosto numa festa de aniversário, tal qual Gumbrecht na noite do seu, momentos antes de escrever o texto sobre o qual falo agora. O afastamento entre as coisas da Natureza e o homem em função da *technology-guided life* cria, conseqüentemente, nesse segundo a ausência de três qualidades importantes: quietude, introspecção e reflexão. Tentando ver o mundo por meio da *contingency*, ele aponta como solução para o afastamento homem-mundo a recuperação dos momentos de *lived experience*, percebidos e experienciados apenas pelos sentidos que dão razão ao ser em seu espaço. Com isso, o homem estaria liberado de controlar os fatos, podendo reagir a eles, quando surgirem, refletindo sobre e a partir de seus aparecimentos. Não esperar o retiraria da condição angustiante de ter de estar sempre preparado/progamadao para dar respostas prontas; o devolveria à quietude necessária à reflexão e ao desenvolvimento das idéias. A condição de introspecção o demoveria, ainda, da constante “angústia da falta”, ainda que seja uma falta como a de um condimento num mero sanduíche. Saliento que refletir não impediria a evolução da ciência e da cultura. É uma condição, por outro lado, que tem se perdido e isso não traz benefícios, em termos filosóficos, ao que Gumbrecht chama de *physicality of life*. Se não prestamos atenção às nossas experiências de vida, ao que nossos sentidos primeiro percebem, continuaremos apartados das coisas do mundo. Recuperar a filosofia e o ato de impressionar-se com o que é percebido pelos sentidos parece ser uma das requisições do meu professor. Tais reflexões vão sendo apresentadas num contínuo em que discurso e forma se entrelaçam para dar substância ao texto. Gumbrecht chama para dialogar consigo nesses momentos iniciais, em que também fala da família, Gourhan e Wlad Godzich. Simultaneamente, estão suas idéias preliminares conectadas de forma vetorial com o que vem a seguir. Melhor dizendo, com as restantes três partes que compõem seu texto e ainda com o que está latente nos argumentos levantados até aqui.

Tais argumentos complementam-se com a explicitação da importância que o pensamento de Heidegger tem em suas reflexões, confirmando o que é possível perceber desde os primeiros passos por meio da maneira pela qual seu texto constrói-se para o leitor. Nessa linha, Gumbrecht menciona ser necessário ao *being* aumentar a proporção dos *deictic gestures*. Portanto, determinar conceitos para as coisas da vida é menos importante do que procurar pela imediaticidade dos eventos na dimensão do que

está latente nas experiências vividas. Por essa razão, defende o que chama de um desejo conservativo de manter viva a dimensão física da existência humana que, em razão de uma vida guiada e programada, está em processo de desaparecimento. Não se trata de freiar a evolução, mas de conservar estados de presença importantes a ela. Quer ele com isso dizer que sua preocupação principal é provar a si mesmo que ainda tem imaginação. Não está interessado, entretanto, em ser “radicalmente diferente” com suas idéias, condição essa que o conecta com o pensamento de Foucault de *Le soins de soi-même*. Sua questão é: quanto de presença devemos ou podemos obter nas nossas vidas individuais? Nessa direção concentra-se nos seguintes tópicos e motivos: “reencantamento”, “orgulho” e “piedade do ser”. Para alcançar estados de presença o homem necessita da *intransitive gratitude*, ou seja, da capacidade de perceber que as coisas experienciadas com os outros não devem ser dirigidas a terceiros, porque elas pertencem às camadas básicas de sua existência, como a família por exemplo. Gratidão intransitiva, pois, é segundo ele, o início para que o ser comece a reencantar-se com as coisas da vida e a partir disso possa orgulhar-se delas.

Terá o presente de Gumbrecht um futuro? Duas são as óbvias respostas: sim, a mais otimista, e não, a menos. Pergunto eu, em contrapartida dessa indagação, diante das idéias e da filosofia do ser no mundo discutida por ele: que futuro é esse? As coisas que são importantes hoje terão a mesma significância com o passar do tempo? Resistirá o homem à vida guiada? Na linha de suas reflexões, penso que indagar é também outra forma de o ser conectar-se com seu mundo. A curiosidade sobre si e o outro no seu espaço movimenta e desarticula a vida guiada do ser-aí. Perguntar significa que eu não tenho respostas prontas. Isso é fazer ciência. Portanto, está ele aqui, no momento do seu aniversário e da escrita do texto que hora resenho, aliando os dois campos: Humanas e Exatas, bem como criando sua posteridade, o que aliás vem se repetindo de forma brilhante em suas aulas e palestras. Ao chamar Gourhan e Heidegger para o mesmo espaço de debates está ele também fazendo isso. Duvidar-se e impressionar-se são historicamente capacidades que o homem não pode perder. Se isso acontecer, perder-se-á ele do e no seu mundo.

Para responder parcialmente a questão, sob a minha costureira – quem sabe ingênua – visão otimista, registro aqui uma frase de Jorge Luiz Borges que parece encaminhar uma resposta à pergunta do professor de Stanford: “cada escritor cria seus precursores”. No caso do texto de Gumbrecht, identifiquei Heidegger, Frederico García Lorca, André Leroi Gourhan, Mozart, Elvis Presley, como sendo alguns dos muitos

precursores a cujas idéias ele vincula as suas. Igual significância assume a presença de sua família. Como o livro foi escrito em sua homenagem, são também os autores e as relações que estabelecem com outros teóricos precursores de sua trajetória. Assim como eu e Borges. Pensando na linha de T. S. Eliot, metabolizado pelo ficionista argentino, o trabalho de Gumbrecht, portanto, modifica a concepção de passado e modificará o futuro. (D)Nessas interações cria-se uma simultaneidade temporal. Seu presente terá, pois, um amanhã, assim como o passado de Heidegger tem um futuro no presente de Gumbrecht. No meu, o professor, orientador e amigo permanecerá, assim como também estará dialogando com outras presenças e espaços. Pode comemorar ele seus cinquenta e nove anos, os sessenta e assim por diante. Eu aqui comemoro e agradeço a leitura do texto e a agradável refeição preparada pelo meu marido. Pude metabolizar as duas simultaneamente. O resíduo da digestão é esta resenha. Fica ao leitor o convite para saborear o banquete de textos que compõem *Producing presences branching out from Gumbrecht's work*.